



## Mosteiro do Sagrado Coração - 19 de Abril de 1998

40º aniversário da Trasladação  
da Serva de Deus Irmã M. Consolata Betrone

HOMILIA DE MONS. GIOVANNI LUCIANO

### ENTRAR - SAIR IR - VIR

Estes verbos, muito frequentes na linguagem comum, marcam uma banal e monótona repetitividade da vida quotidiana. Os mesmos verbos, usados com maior parcimónia num mosteiro, assumem uma importância decisiva, um significado mais comprometedor, mais vinculante, às vezes vital.

**Entrar**, na sua aceção mais simples, implica a passagem de um lugar exterior para um outro interior, movimento que se faz várias vezes ao dia, mesmo inconscientemente.

**Entrar**, *num mosteiro*, tem um significado totalmente particular. Representa, sim, uma passagem do exterior para o interior, mas uma passagem meditada, por vezes até sofrida, sempre com plena consciência porque é considerada definitiva. Quem o faz tem de deixar no exterior, sem saudade, o mundo com as suas atracções, os seus fugazes amores e as suas falsas promessas de bens efémeros, para abraçar aquele género de vida que reina no interior, isto é, uma vida pobre e austera, gasta na procura da posse de Deus, com a promessa de O encontrar e possuir para sempre na eternidade e no contínuo e árduo holocausto de si próprio pela salvação de todas as almas. Quem entra não entra só de passagem, mas entra para ficar. Portanto, é uma entrada que não prevê saída, a não ser em casos raríssimos e de extrema gravidade.

**Sair**, na sua aceção comum, não significa apenas a mudança de um lugar interior para outro exterior, mas também ***libertar-se de uma determinada situação – cessar uma actividade – pôr-se em evidência – ir para um divertimento***, significados que implicam todos **a**

***recuperação de uma liberdade – o exercício da própria autonomia – a ostentação da própria personalidade – o desejo de gozar a vida.***

**Sair**, num mosteiro, não é um verbo muito conjugado, porque quem nele entra renuncia à própria liberdade e autonomia, oferecendo-as a Deus por si e pelas almas, e não pensa de modo algum em retomá-las; não deseja mudar nem a sua situação, nem as suas actividades; não procura pôr-se em evidência depois de ter escolhido o escondimento; e na sua operosidade não encontra espaço para os divertimentos. Cada saída, seja ela definitiva ou apenas temporária, não acontece sem uma dor proporcional à sua causa.

**Ir – vir** são, também eles, verbos de acção livre, de movimento de grande amplitude, de poder e domínio do tempo e do espaço, e descrevem muitas vezes a actividade frenética do homem moderno comprometido. *Num mosteiro* são usados com uma certa parcimónia, porque **a actividade, o tempo e o espaço** em relação a monjas são geridos pela S. Regra e ordenados, sob a responsabilidade das Superiores, num calendário mensal ou semanal que estabelece o papel de cada uma, para o melhor uso das coisas terrenas na procura dos bens eternos.

O andar moderadamente rápido das monjas revela também o seu grau de autocontrolo, a intensidade do seu recolhimento, a prontidão da sua obediência. Nenhum atraso, mas também nenhuma pressa no serviço do Senhor!

Estes verbos, na vida da Serva de Deus, Irmã Consolata Betrone, ritmaram momentos alegres e tristes, momentos importantes e determinantes, momentos 'fortes' que deixaram uma marca profunda na sua alma.

Quanto lhe tinha custado obter da família a permissão para aquela **1ª entrada** em Valdacco, nas Filhas de Maria Auxiliadora, naquela segunda-feira, dia 26 de Janeiro de 1925! Poucos, todavia, se deram conta que as suas lágrimas, derramadas naquele dia pela separação dos seus queridos, se tinham transformado em lágrimas de felicidade por ser **finalmente** "toda de Jesus". Finalmente? – "Continuaria sempre assim? – Eis a pergunta que ela faz". Jesus quer-a verdadeiramente toda para Si, mas espera-a e quer conduzi-la por um caminho mais acidentado, não pelos caminhos do mundo, mas na solidão de um breve, mas intenso, calvário. A 17 de Abril de 1926, depois de uma dolorosa crise de "**crecimento**" espiritual, não por falta de vocação nem de generosidade, mas na procura de uma doação maior, mais exclusiva, mais escondida, Pierina Betrone **sai** do convento e volta para a família. As suas superiores e as suas companheiras têm saudades dela. Mas Pierina não pode ficar fora por muito tempo, o mundo não é o seu ambiente. A sua **2ª entrada**, nas austeras *Taidine* do Santo Cottolengo, é também fruto de uma inocente e ingénua astúcia. Nas *Taidine* só são admitidas as pecadoras convertidas.

"Apresentou-se no mosteiro e foi interrogada sobre a sua vocação. – "Caíste?" – perguntou-lhe a Superiora. – 'Sim, sim. Muitas vezes!' – 'É suficiente!' concluiu a Madre e aceite de imediato. 'Naquele momento – assim explicava, rindo, anos depois, a Irmã Consolata – queria dizer que tinha caído muitas vezes no chão'".

Jesus, porém, não a quer num lugar de sua escolha e do seu agrado, por isso faz com que "a 19 de Agosto de 1928, por motivos de saúde, (seja primeiro) transferida para as Irmãs de Santa Marta" e que "aumentando as provações espirituais, **deixe** espontaneamente a 26 de Agosto (seguinte) o Instituto". Agora é o próprio Jesus a dirigir os seus passos. A 17 de Abril de 1929, no mesmo dia, mas três anos depois da sua primeira saída do Instituto das salesianas, chega finalmente ao mosteiro das Clarissas Capuchinhas de Borgo Po. Esta sua **3ª entrada** é estranhamente motivada assim por ela: "**Nada me atrai para as Capuchinhas!**". Revelar-lhe-á mais tarde a voz de Jesus, que entrara em mística intimidade com ela: "**Eu queria-te e atraí-te para as Capuchinhas!**".

As sucessivas **entradas e saídas** da Irmã Consolata do Mosteiro revestem-se do carácter de caso de grave necessidade ou de extrema gravidade, contemplado pela S. Regra...

A sua **4ª entrada**, de 2 de Julho de 1939, no mosteiro de Moriondo, marca para ela o entrar profundamente em solidão no caminho do Calvário...**Breves anos**, é assim que os define com intuição profética, aqueles sete anos que passará ainda subindo o calvário do espírito, que se fortifica no abandono, e o calvário de um corpo martirizado em lenta mas progressiva decomposição.

**Sairá!** Não sei quantas vezes exactamente, mas sempre para verificar o estado de avanço do seu mal através de consultas e pesquisas médicas, dolorosas para o corpo e angustiantes para o espírito...**Saiu** para **entrar** no sanatório de Lanzo de Turim a 4 de Novembro de 1945. "**Naquele dia o Mosteiro estava como que de luto; todas sentiam um grande vazio**".

A Irmã Consolata sofreu os maiores sofrimentos, do espírito e do corpo, fora do seu mosteiro, unida a Jesus neste desapego dos afectos, nesta pobreza absoluta, até de uma casa própria, de um lugar próprio onde esperar serenamente a morte, prolongada até ao espasmo para o encontro futuro com o Deus-amor...A 3 de Julho de 1946 **volta** do sanatório. Jesus, através da Madre Abadessa, não a deixa morrer fora do seu amado Mosteiro e longe das suas queridas Irmãs. Na



quinta-feira, dia 18 de Julho, por volta das seis da manhã "**tudo estava consumado**".

"Os restos mortais da Irmã Consolata Betrone voltam a 17 de Abril de 1958 para o mosteiro".

Esta é a 'magra' e esquelética notícia dada pelo seu biógrafo, que não ousa antecipar o juízo de santidade por parte da Igreja. Mas o povo de Moriondo e as pessoas que tinham conhecido a Serva de Deus tinham-se unido numerosas com as Irmãs para acolherem com alegria e triunfalmente os poucos e pobres restos mortais da sua benfeitora espiritual.

De facto, escreve o P. Alessandro da Bra, relator da época da revista "*Sentiero Franciscano*" [NT.: *Caminho Franciscano*] de Junho-Julho de 1958: "*Apesar de não terem sido feitos convites para que a cerimónia mantivesse um carácter privado e apesar da neve que caía insistentemente havia horas, não foram poucas as pessoas - sacerdotes, religiosas, leigos, parentes e admiradores, que quiseram assistir à exumação do cadáver*". O P. Alessandro da Bra informa-nos depois que "**na manhã do dia 17 até o irmão sol festejava a nossa Irmã que voltava para sua casa**". E continua: "**o caixão, precedido pelas crianças da creche, pelos alunos da escola e por muita gente foi levado até à igreja paroquial e depois para o Mosteiro**".

Mas – perguntamo-nos – porque é que há quarenta anos atrás se deu um acolhimento festivo aos poucos e pobres restos mortais de uma Clarissa Capuchinha? Porque é que se honraram os humildes ossos da Irmã Consolata com uma imponente manifestação que mobilizou muitíssimas pessoas,? Não bastava ilustrar, no décimo aniversário da sua morte, a sua excelsa figura com uma devota e comovida comemoração? Porque é que queremos recordar ainda hoje aquele acontecimento com esta solene Eucaristia?

Não se deve separar a "**História de uma alma**" da "**história do seu respectivo corpo**", daquele corpo que Deus, em colaboração com os pais, "*formou desde o ventre materno*" (Is 44,2.24; cf. Is 46,3; Sl 22[21],10) e que está destinado a acompanhá-la e a interagir com ela todos os dias da sua vida mortal. O corpo, sendo instrumento material dos actos humanos, torna-se co-responsável e, portanto, é chamado a partilhar com ela alegrias e dores, prémios e castigos, opróbrio ou glória...O Senhor, de facto, não abandona o justo ao esquecimento e à corrupção do sepulcro, quando: "**Deus foi glorificado nele. Se Deus foi glorificado nele, também Deus, por sua vez, o glorificará, e o acolherá sem demora na sua glória**" (cf. Jo 13,31-32). Estas últimas palavras, que Jesus atribui a Si mesmo, ao dar o seu comovido adeus aos apóstolos, podem ser aplicadas também à Irmã Consolata, que Ele não "*abandonou num sepulcro*" comum, nem a deixou de forma alguma

“conhecer a corrupção”. Ao contrário, começou logo a sua glorificação. Dizemo-lo sem intenção alguma de antecipar o juízo da Igreja, sem qualquer pretensão de influir sobre a decisão definitiva, mas recordando o facto histórico da exumação e transladação dos ossos benditos da Irmã Consolata, ocorrido há quarenta anos atrás, e constatando o interesse, a devoção e o amor de muitos, pela sua colocação actual...

Hoje, quarenta anos depois daquele acontecimento, estamos de novo aqui, numerosos, para solenizar festivamente o seu regresso a casa, a sua **última entrada** no Mosteiro, uma **entrada** bem diferente das outras precedentes, com uma colocação bem diferente no seio da comunidade. Já não é o último lugar, escolhido por ela própria, já não é uma pequena e despojada cela, mas o lugar de honra, próximo de Jesus, num lugar de elegante sobriedade. Num lugar acessível a todos, para que possa continuar, agora já sem cansaço nem dor, o seu trabalho de sempre:

- ❖ como **Corista**, para nos ajudar a tornar as nossas orações num verdadeiro cântico de amor a Jesus e Maria, pedindo-Lhes a **salvação das almas**;
- ❖ como **Secretária**, para que continue a ser sempre depositária dos nossos segredos;
- ❖ como **Sapateira**, a quem pedimos que nos proveja de sólido calçado, que obrigue e mantenha os nossos pés seguros no caminho recto, e rápidos no caminho da santidade
- ❖ como **Cozinheira**, para nos preparar, com os seus escritos ascéticos e as suas inspirações, aquele alimento espiritual tão nutritivo para as nossas almas;
- ❖ como **Enfermeira**, para nos curar das nossas feridas morais, das nossas enfermidades espirituais, e cuidar até das nossas exigências corporais; e para nos ensinar a sofrer, como ela, serenamente e de forma meritória;
- ❖ como **Porteira**, para nos indicar “**a porta do Céu**”, e com o desejo de a encontrar pronta e de no-la escancarar quando chegarmos, também nós, à morada eterna.

Assim seja.